

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

^ © FFF-Hom-08-027
Ângela Antunes



INSTITUTO PAULO FREIRE

**Universidade Paulo Freire
(UNIFREIRE)**

**DECLARAÇÃO
2000**

Bologna
março/abril de 2000

PREÂMBULO

Embora nascida no contexto de uma sociedade que tinha nas atividades rurais sua centralidade – o modo de produção feudal – a Universidade representou mais um dos passos na libertação humana, isto é, uma das vitórias do homem do burgo no seu itinerário de resistência ao domínio do senhor feudal. Originalmente atenderam à necessidade de organização corporativa das “minorias” – assim eram considerados os habitantes das concentrações urbanas, que viviam na dependência dos domínios senhoriais e, de fato, as atividades dos artesãos exerciam um papel marginal na economia feudal.

A palavra *universidade* – *universitas* – era empregada na Idade Média para designar qualquer assembleia corporativa, fosse ela de sapateiros ou de carpinteiros. Nunca era empregada em um sentido absoluto, de modo que a expressão *Universidade de Bolonha*, por exemplo, era apenas a abreviação cômoda da expressão *Universidade dos Mestres e Estudantes de Bolonha*. (PONCE, 1998: 97¹).

O “Renascimento Feudal” do século XIII determina uma ampla movimentação dessa classe ascendente – a burguesia – cujas demandas força a Igreja a exteriorizar suas tarefas pedagógicas, antes voltadas apenas para a formação de seus próprios quadros nas *escolas monásticas*. O aparecimento das *escolas catedralícias* respondeu, portanto, à necessidade inicial de organização corporativa de mestres e aprendizes, contudo, ainda sob controle das diversas frações de classe dominante das formações sociais feudais européias. Delas derivaram a maioria das universidades medievais.

Assim, a universidade nasceu no mundo ocidental e suas denominações matriciais – quer seja a prévia de *studium generale*, quer seja a definitiva de *universitas studiorum* – já denunciavam sua transnacionalidade. Ela surgiu na história no cenário do modo de produção feudal, no contexto do movimento corporativo, institucionalizando-se, ora como corporação de mestres, ora como corporação de aprendizes (estudantes).

Ainda hoje se discute a primazia do berço universitário: Paris, Salerno, Bolonha? Contudo, não se discute que a gênese da última impregnou-se, ao mesmo tempo, do espírito democrático e supranacional. De fato, os estudiosos da história da educação são unânicos em afirmar que, se não foi a primeira em ordem cronológica, a Universidade de Bologna foi a mais antiga organização universitária no sentido etimológico do termo: várias “nações” de estudantes se reuniram e contrataram os mestres. Ou seja, as diferenças das nacionalidades dos aprendizes se superaram na organização e institucionalização da *universitas*.

¹ PONCE, Aníbal. *História e luta de classes*. 16. ed., São Paulo: Cortez, 1998.

Paulo Freire (1921-1997) foi o educador do final do século XX que mais se destacou na defesa dos oprimidos e na proposição da bandeira da libertação através de um processo pedagógico em que o educando e os educadores se promovem como seres humanos em comunhão. Seu reconhecimento mundial encontrou sua mais alta expressão na promulgação da "Década Paulo Freire", pela UNESCO, na Conferência Mundial de Educação de Jovens e Adultos, realizada em Hamburgo, em 1998.

Ora, a Universidade erigiu-se, no mundo ocidental, coincidentemente, sob a égide de alguns princípios que são significativos no legado das idéias e ações de Paulo Freire e muito caros a todos os freireanos do mundo. Dentre eles, merecem destaque:

- a) organização da resistência de minorias oprimidas;
- b) superação das diferenças de origem geopolítica;
- c) multiculturalismo;
- d) compromisso com o rigor científico;
- e) no caso particular de Bologna, iniciativa pedagógica dos estudantes, proclamando um caráter avesso às ordens instituídas de cima para baixo, pois tratou-se de uma "iniciativa educanda", em lugar de uma "iniciativa docente".

Por isso, nada mais emblemático do que retomar, numa perspectiva freireana, a discussão dessa instituição secular, em Bologna, e daí, revendo esses quase oitocentos anos de História, beber nas suas fontes mais libertárias a seiva que deverá alimentar a concepção de uma Universidade, a ser construída num contexto de *aggionamento tecnologico* e comprometida com a libertação de todos os povos no novo milênio.

O próprio Paulo Freire, exprimindo em vários momentos de seus últimos anos de vida suas preocupações com "a contingência do individual e com a transcendência do coletivo", acalentou a idéia de constituir uma organização que desse continuidade a suas idéias, trabalhos e ações, quando ele já não estivesse mais no mundo dos vivos. Daí, com um grupo de educadores, criou o Instituto Paulo Freire, do qual, embora tendo sido inspirador e fundador e nele trabalhando intensamente os últimos anos de sua vida, nunca ocupou cargo de direção ou até mesmo se colocou como membro institucional, dando-nos mais uma lição de correta modéstia.

O Instituto Paulo Freire(IPF) cresceu muito, quer seja pela adesão de educadores de todos os continentes, quer seja pela dimensão e expressão de seus trabalhos nos campos da educação, da cultura e da comunicação, realizando levantamentos, estudos e pesquisas, publicando obras importantes nos campos mencionados anteriormente, assessorando instituições governamentais e

entidades não-governamentais comprometidas com os interesses dos oprimidos, desenvolvendo e executando projetos político-pedagógicos expressamente voltados para o combate a toda forma de discriminação, para a salvação do planeta e para a libertação e promoção humanas.

Entretanto, os membros do Instituto vinham há muito se preocupando com a formação de pesquisadores e educadores populares, através da incorporação dos modernos meios de comunicação à distância em tempo real, com profundo rigor científico, mas sem as formalidades do credencialismo típico das agências formadoras instituídas. Pensou-se, desde os primórdios do IPF na "Cátedra Livre Paulo Freire" e, paulatinamente, a idéia foi evoluindo para a constituição de uma verdadeira Universidade. E o que é uma universidade? Uma universidade não é um conjunto de professores e de alunos; não é a biblioteca, nem os laboratórios, o currículo. A universidade não se confunde com suas paredes, seus equipamentos, suas quadras de esporte. Uma universidade é um conjunto de relações sociais e humanas. Enfim, uma universidade se caracteriza por um *espírito*.

Paulo Freire não deixou como legado livros, artigos, vídeos. Não deixou discípulos como seguidores de suas idéias. Deixou um espírito que une hoje, em muitas partes do mundo, um conjunto de pessoas e de instituições, que passamos a denominar Universidade Paulo Freire (UNIFREIRE). E o que é a Universidade Paulo Freire? Ela se constitui de uma rede de núcleos freireanos, espalhados por todo o mundo e "*linkados*" entre si por pelo espírito do legado de Paulo e por todos os mais atuais meios de comunicação, desenvolvendo programas e projetos de formação de recursos humanos para a educação dos oprimidos. É uma Universidade fundada "no sonho por um mundo menos malvado, menos feio, menos autoritário, mais democrático, mais humano", segundo as próprias palavras de Paulo, cujo pensamento atravessou fronteiras e incorporou, criticamente, o pensamento pedagógico universal, orientando a atuação de numerosos educadores espalhados pelo Planeta, como o testemunha as *Cátedras Paulo Freire* e o *Fórum Paulo Freire*, que se realiza de dois em dois anos. Sua concepção popular de educação, elaborada na reflexão sobre a prática, durante várias décadas, tornou-se, sem dúvida, uma das grandes contribuições da América Latina à teoria e à prática educativa de todo o mundo. A noção de aprender a partir do conhecimento do sujeito, a noção de ensinar a partir de palavras e temas geradores, a educação como ato de conhecimento e de transformação social, a politicidade do ato pedagógico, são apenas alguns dos elementos constitutivos do legado de Paulo Freire e da educação popular à pedagogia crítica universal.

O pensamento de Paulo Freire impregna numerosas instituições e projetos que valorizam a *solidariedade* e a *reciprocidade*. Um exemplo está no *Projeto da Escola Cidadã* do Instituto Paulo Freire. A concepção teórica e as práticas desenvolvidas a partir do conceito de Escola Cidadã constituem-se numa alternativa viável, de um lado, ao projeto neoliberal de educação, amplamente hegemônico, baseado na ética do mercado, e, de outro lado, à teoria e à prática de uma educação burocrática, sustentada na "estadolatria". É uma escola que

busca fortalecer autonomamente o seu *projeto político-pedagógico*, relacionando-se dialeticamente – não mecânica e subordinadamente – com o mercado, o Estado e a sociedade. Ela visa formar o cidadão para controlar o mercado e o estado. É, ao mesmo tempo, pública quanto à sua destinação – isto é para todos – estatal quanto ao financiamento e comunitária quanto à sua gestão.

CARTA DE BOLOGNA

Por isso, nós, participantes do **II Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire**, reunidos em Bologna (Itália), de 29 de março a 1.º de abril do ano 2000, inspirados criticamente no legado de seu Patrono e dando continuidade aos compromissos assumidos na “Carta de São Paulo”, elaborada por época do I Encontro Internacional do mesmo Fórum, em 30 de abril de 1998, firmamos compromisso com os seguintes princípios, teses e encaminhamentos:

I - Trabalhar para constituir, na Instituição de Ensino Superior mais próxima de nosso local de residência e trabalho, um núcleo da Universidade Paulo Freire (UNIFREIRE), voltado para a formação de pesquisadores e educadores populares, comprometidos com a causa dos oprimidos, de modo a construir, uma rede de pólos de revisão crítica do papel das Universidades no novo milênio,

II - Esta Universidade voltar-se-á para a formulação e concretização dos princípios e dimensões, da planetaridade, do processo civilizatório, da eticidade da democracia. Por isto, há de transcender fronteiras e “alfândegas” criadas pelas discriminações de gênero, étnicas, nacionais, econômicas, culturais e políticas, superando limites físicos, através da **cultura on-line**, da utilização da presença virtual que os meios de comunicação modernos colocam à nossa disposição para a configuração de uma **inteligência coletiva**; há de ultrapassar a barreira do tempo e da alienação pelo resgate e incorporação das contribuições da pedagogia crítica ao longo de toda a História, visando a construção de uma **universidade simultânea** e, por isso mesmo, uma **meta universidade**; há de denunciar toda e qualquer ameaça às relações comandadas pela ética e, finalmente, deverá trabalhar pela ultrapassagem da democracia que se limita aos direitos da institucionalidade política, construindo a democracia econômica, social e cultural.

III - Como a **cibercultura**, mais do que o resultado do melhor aproveitamento dos recursos que a eletrônica colocou à disposição da telecomunicação, se insere hoje nos ideais revolucionários e republicanos da liberdade, igualdade e fraternidade” (LEVY, 1996²), porque possibilita a universalização do acesso às informações e ao conhecimento, será buscada pela UNIFREIRE que, contudo, desenvolverá outros procedimentos que permitam a

² LEVY, Pierre. A cultura da informática e a educação. In: _____. Conferência Universidades da América Latina, realizada no Memorial da América Latina em São Paulo, em 1996.

construção do saber – confundido nas atuais instituições de ensino com a informação e o conhecimento – uma vez que a sabedoria só surge no momento em que somos capazes de, associando dados recolhidos pela informação e processos formulados pelo conhecimento, construir nossa própria inteligência do universo.

IV – Uma tendência equivocada das atuais universidades é que os unifreireanos buscarão superar é a institucionalização do saber. A UNIFREIRE só terá o saber instituído como ponto de partida para o instituinte, através de processos dinâmicos de incorporação da sabedoria popular, tomando os universos simbólicos de construção da existência dos oprimidos como contextos geradores dos processos pedagógicos.

V – A UNIFREIRE terá como meta a recuperação do caráter de *universitas* da instituição, como estratégia para eclipsar o caráter corporativo que acabou por nela predominar, através da construção da dimensão da **planetaridade**, também contraposta ao globalismo, voltado o forjar de um projeto de sociedade individualista, meritocrático, discriminatório e excludente.

VI – A UNIFREIRE será desenvolvida na linha da Escola Superior Cidadã, portanto inspirada no princípio de que a informação é um direito primário, fundamental – o primeiro de todos os direitos – pois sem ele não chegamos à consciência, e conseqüentemente, ao acesso a outros direitos. Ele é básico para a sobrevivência de todos. Por isso, ele não deve ser comprado ou vendido, mas disponibilizado a todos. Uma das funções da UNIFREIRE deverá ser esta disponibilização, para que a educação do futuro seja menos excludente, menos regulada pelo jogo do mercado, pelos interesses políticos, pelo furor legiferante e burocratizante do credencialismo, seja mais democrática.

VII – Cientificamente, a UNIFREIRE não considerará como verdade as afirmações e observações “imparciais”, pois quem afirma e observa sempre o faz de determinado ponto de vista. “E o erro não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-lo”, como dizia Paulo Freire³. O ponto de vista da UNIFREIRE será o dos oprimidos e excluídos da Terra.

VIII – Se a prática formadora de recursos humanos deve estar, numa perspectiva freireana, impregnada da **ética universal do ser humano**, a UNIFREIRE condenará a exploração da força de trabalho, toda e qualquer forma de fatalismo imobilizante, a falsificação da verdade, a ilusão do incauto, a violência sob toda e qualquer forma – desde a física à simbólica – os golpes sobre os fracos e indefesos, a perversão da pureza em puritanismo, da ética em moralismo, da tolerância em convivência e em cumplicidade, as manifestações discriminatórias de raça, gênero e classe; enfim, toda e qualquer forma de dominação, alienação,

³ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 15.

marginalização e exclusão. A ética freireana implica ainda numa permanente busca de coerência entre as proclamações e as práticas.

IX – Se na mesma perspectiva – freireana – “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção e construção” e se “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”⁴, a UNIFREIRE, enquanto instituição (instituinte) de ensino, observará os seguintes princípios metodológico e pedagógicos:

- a) aprender precede a ensinar e ensinar se dilui na experiência fundante de aprender;
- b) não se ensina apenas conteúdos, mas a aprender, isto é, a pensar certo;
- c) pensar certo é estar sempre em dúvida com as próprias certezas, a partir da observação do mundo;
- d) a curiosidade ingênua deve ser substituída pela curiosidade epistemológica, isto é, a abordagem da realidade pelo saber da pura experiência deve ser progressivamente substituído pela aproximação metodicamente rigorosa do objeto cognoscível.

X – Os membros da UNIFREIRE reconhecerão todas as titulações e certificações de quem, formal ou informalmente, concluíram estudos, pesquisas e práticas caracterizadas pelos princípios contidos nesta Carta, pois quem deve decidir sobre a legitimidade e qualidade dos “certificados” é a sociedade e o aprendiz. Aliás, na era da informação planetarizada existirá ainda necessidade de diplomas?

Bologna, 1.º de abril de 2000.

⁴ Id., ib.: 25.